

# FICÇÕES DE COSMOPOLITISMO E REALIDADES MIGRATÓRIAS NO ROMANCE INGLÊS CONTEMPORÂNEO

Margarida Esteves Pereira

ILCH-UM/ CENTRO DE ESTUDOS HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DO MINHO

margarida@ilch.uminho.pt

Hoje em dia estamos habituados a olhar para Londres como uma cidade cosmopolita e multicultural, à semelhança de outras cidades europeias. Cidades como Londres, Paris, Amesterdão, Berlim e tantas, tantas outras tornaram-se centros multiculturais que parecem a expressão mais acabada do cosmopolitismo da sociedade global contemporânea, aquilo que Ulrich Beck designa “visão cosmopolita”. Segundo Ulrich Beck, em *The Cosmopolitan Vision*, o cosmopolitismo já há muito deixou de ser uma ideia, utópica ou polémica, para se ter tornado no “elemento definidor de uma nova era, a era da modernidade reflexiva” (p. 2), que nos obriga a uma visão renovada da realidade dos estados e das fronteiras.

No que a Londres diz respeito, esta é uma visão que parece bastante enraizada na vida da cidade. Segundo os censos de 2011, 37% dos habitantes de Londres nasceram num país estrangeiro. Em 2014, Londres conta com uma população de cerca de 8,6 milhões de habitantes, sendo que desses cerca de 3,5 milhões são negros, asiáticos e de outras minorias (isto é, não brancos)<sup>[1]</sup>. Se atentarmos no nº 65 da revista *Granta*, de 1999, dedicado à cidade de Londres (com o título *London: the Lives of the City*), percebemos essa ideia na escolha dos textos que compõem a revista, mas também na Introdução da autoria do editor Ian Jack. Aí se refere que a grande cidade cosmopolita “está a forjar uma nova identidade – na Inglaterra, mas não propriamente dela – como uma nova cidade estado” (Jack, 1999, p. 8). Essa identidade da cidade de Londres é significativamente aqui referida como transcendendo a ideia de

---

1 Esta informação pode ser consultada *online* em <http://data.london.gov.uk/> (consultada em 4 de fevereiro de 2016).

nação, situando-se na Inglaterra mas não sendo completamente da Inglaterra, remetendo, portanto, para uma ideia de transnacionalidade da capital inglesa.

A identidade transnacional e cosmopolita que percebemos hoje em todo o Reino Unido, mas muito especialmente na sua capital, foi-se construindo, especialmente, ao longo do século XX, não sendo dissociável da questão do Império e do seu fim. Este artigo centrar-se-á sobre os modos como alguns romances ingleses da segunda metade do século XX dão conta dessa realidade e das transformações que elas acarretaram.

Depois da II Grande Guerra dá-se um grande fluxo migratório para a Inglaterra que vai provocar ondas de mudança enormes na sociedade inglesa. A chegada do navio *SS Empire Windrush* em 22 de junho de 1948, trazendo 492 imigrantes provenientes das Caraíbas, é talvez o ícone mais visível da viragem social efetuada. Na introdução ao seu livro, *Windsrush: The Irresistible Rise of Multi-Racial Britain* (1998), Mike e Trevor Phillips referem-se a este momento como tendo adquirido o estatuto de mito no imaginário da história recente do Reino Unido:

Uma década depois da sua famosa viagem em 1948, o *Windrush* tornara-se um símbolo da imigração do pós-guerra e, durante algum tempo, parecia que todos os documentários televisivos sobre raça ou migração tinham de começar com a imagem de uma fila de homens e mulheres negros alinhados na prancha de desembarque” (Phillips e Phillips, 1998, p. 2).

As vagas de imigrantes foram durante vários anos provenientes, em particular, das ex-colónias e, portanto, a grande maioria dos imigrantes que se encontravam em Londres e espalhados um pouco por toda a Inglaterra eram provenientes do sub-continente asiático (Índia, Paquistão, Bangladesh), mas também das Caraíbas ou de África. Com os anos e o desenvolvimento económico do Norte, e de Inglaterra em particular, a cidade de Londres começa a atrair vagas de imigrantes de todo o mundo<sup>[2]</sup>. Como é referido por John Cle-

---

2 Em *Colonial Desire*, Robert Young (1995) refere-se, a este respeito, à centralidade de Londres como um poderoso íman a atrair as periferias, nos seguintes termos: “Com o passar das décadas Londres tem-se mostrado cada vez mais bem-sucedida em corresponder à sua oficialmente proclamada identidade heterogénea, de maneira que agora (...) mal poderíamos imaginar uma maior variedade de mistura de pessoas, cujos antepassados remontam às Caraíbas e a África, à Índia, ao Paquistão, ao Bangladesh, à China, ao Tibete, ao Afeganistão, à Somália, aos Balcãs, misturados e fundidos com outros cujos antecessores apareceram nas Ilhas britânicas como os anglos, celtas, dinamarqueses, holandeses, irlandeses, judeus, normandos, nórdicos, saxões, vikings...” (Young, 1995, pp. 1-2, tradução da autora).

ment Ball: “Como resultado desta migração da assim chamada ‘Nova *Commonwealth*’, a metrópole que outrora possuía uma grande porção de mundo contém agora um ‘mundo’ transnacional que progressivamente toma posse de si” (Ball, 2006, p. 4)<sup>[3]</sup>.

Londres surge, pois, como um grande centro transnacional, o que, conforme é lembrado nesta citação, não é apenas associável à sua condição de centro do antigo Império britânico, mas que assume particular relevância nesse âmbito. Outros críticos têm vindo a escrever sobre a geografia de Londres, tendo por referência essa ligação colonial à antiga capital do Império<sup>[4]</sup>. Dito de outro modo, como refere Brownyn T. Williams: “A diáspora pós-colonial não representa simplesmente a imigração para a Grã-Bretanha proveniente de outros sítios, como por exemplo a imigração para os Estados Unidos ou até os ‘trabalhadores convidados’ turcos na Alemanha, mas antes é uma lembrança permanente de que ‘estamos cá porque vocês estiveram lá’” (1999, p. 7). Por exemplo, em *Postcolonial London*, John McLeod refere que, tendo em conta as vagas de migração posteriores à II Guerra Mundial e a sua ligação às antigas colónias, “hoje um certo número de bairros londrinos são conhecidos principalmente em termos das populações ‘ultramarinas’ que lá se desenvolveram” (McLeod, 2004, p. 4). E, portanto, o seu livro faz precisamente essa ligação de Londres à história colonial e pós-colonial do Império britânico, estando assim interessado em dar visibilidade aos vários “contextos resultantes do colonialismo e do seu legado que contribuíram para as fortunas de Londres desde o fim da II Guerra Mundial (McLeod, 2004, p. 7).” Também Michael Perfect (2014) refere que entende o multiculturalismo de Londres “especificamente como uma forma de diversidade comunal trazida pela migração das antigas colónias britânicas para o antigo centro imperial que se seguiu ao fim formal do Império” (Perfect, 2014, p. 5), embora reconheça que esta formulação possa estar já desfada com a realidade da migração existente hoje em dia na Grã-Bretanha.

De facto, como tentaremos demonstrar neste ensaio, a transnacionalidade da cidade de Londres não se confina exclusivamente às rotas do Império, como parece ficar claro numa consulta, ainda que superficial, às estatísticas disponibilizadas no *site* já aqui referido, *London Datastore* (<http://data.lon->

---

3 Optou-se por traduzir para o português todas as citações, que são provenientes, como o atesta a bibliografia, dos originais em inglês ou, no caso de textos provenientes de outras línguas, das suas traduções para o inglês. Todas as citações foram traduzidas pela autora do artigo.

4 Veja-se a este respeito os livros de J. McLeod (2006) e de J. C. Ball (2004), mas também o mais recente de M. Perfect (2014).

don.gov.uk/). Podemos aí verificar que o maior contingente populacional de habitantes londrinos nascidos fora do Reino Unido é proveniente da Índia, seguido do contingente polaco. E se é certo que os migrantes que chegam ao Reino Unido continuam a vir das ex-colónias da Ásia ou de África, também se tem verificado nos últimos anos um grande acréscimo de migrantes europeus, nomeadamente, do sul e do leste da Europa.

Há uma passagem num dos últimos romances de Hanif Kureishi, *Something to Tell You* (2008), que expressa bem a centralidade da identidade trans-cultural e transnacional que é, hoje em dia, a expressão mais acabada da cidade de Londres. Depois de descrever um dos locais mais multiculturais da cidade, onde as lojas são “caribenhas, polacas, de Caxemira ou da Somália”, o narrador exclama: “Isto não era o gueto; o gueto era Belgravia, Knightsbridge e algumas partes de Notting Hill. Isto era Londres enquanto cidade do mundo” (Kureishi, 2008, p. 15)<sup>[5]</sup>. Por outro lado, uma das personagens do romance refere que seria impossível sobreviver naquele bairro sem saber polaco ou outras línguas europeias como bósnio, checo ou português.

Apesar da eufórica exclamação deste narrador, que assim desloca a questão do centro e das margens, de modo a enfatizar a expressão numérica em detrimento dos centros de poder, de maneira a fazer transparecer Londres como uma cidade do mundo (e já não somente a capital de Inglaterra), as tensões sociais do multiculturalismo são bem reais e sempre se fizeram sentir em Londres, como um pouco por toda a Inglaterra, e ainda fazem. Ficaram bem conhecidos os tumultos sociais que a partir dos anos cinquenta e, muito especialmente, durante os anos setenta e oitenta marcaram, por exemplo, o Carnaval de *Notting Hill* e que tornaram muito visíveis os problemas étnicos e raciais que afetavam a sociedade inglesa.

Ainda que as questões raciais não sejam hoje tão visivelmente assumidas como uma fonte particular de tensão social, é indubitável que a questão da imigração é sentida pelos ingleses como um problema real. Num inquérito com o título *State of the Nation: Where is bittersweeth Britain headed?*, efetuado em 2013 pela organização *British Future* – que se dedica à reflexão sobre questões de identidade e integração na sociedade inglesa contemporânea –, vemos que a questão sobre os assuntos que mais divisão causam na sociedade britânica<sup>[6]</sup>

5 No original: “This wasn’t the ghetto; the ghetto was Belgravia, Knightsbridge and parts of Notting Hill. This was London as a world city.”

6 A pergunta era “Que dois ou três assuntos acha que causam mais divisão na sociedade britânica hoje, se é que há algum?” (no original, “What two or three issues, if any, do you think cause most

obteve como resposta majoritária “a tensão entre os imigrantes e a população nascida na Grã-Bretanha” (2013, p. 27). Por outro lado, todo o debate sobre a imigração e a maior abertura ou fechamento da sociedade inglesa à chegada de novas vagas migratórias, seja sob a forma de emigrantes económicos, seja sob a forma de refugiados de Guerra, tem centrado muito do debate político no Reino Unido, nomeadamente, no âmbito dos debates pré-eleitorais. Como é referido no Relatório de 2015 da organização *British Future* (publicado em janeiro com o título *The Year of Uncertainty*) a eleição geral seria o momento adequado para trazer ao debate mais uma vez questões de identidade e de imigração (2015, p. 5). Contudo, e apesar de algum otimismo patente neste relatório, considera-se aí que o debate nem sempre é o mais adequado e propício a uma boa política de integração, o que é reconhecido na introdução: “A nossa pesquisa constata que apenas um quarto dos britânicos acredita que podemos atravessar a campanha para as eleições de 2015 seguros de podermos ter boas relações de comunidade no todo da nossa sociedade multirreligiosa e multiétnica” (p. 3)<sup>[7]</sup>.

Tal como aconteceu ao longo dos anos cinquenta, sessenta e setenta, durante os quais a sociedade inglesa se foi tornando marcadamente multirracial e multiétnica, a opinião pública parece estar outra vez receosa da entrada de pessoas estranhas à nação. Num artigo do jornal *The Guardian* publicado nas vésperas das eleições europeias de 2014, o escritor Hanif Kureishi faz referência a isso mesmo, chamando a atenção para a forma como a figura do imigrante se está a transformar na consciência coletiva europeia numa figura sem forma nem identidade, uma figura perigosamente concebida como alienígena. Refere este autor:

(...) O imigrante é facilmente descartado e denigrado, uma vez que já não é uma pessoa. O imigrante apenas chegado, o último a atravessar a porta, instalando-se agora no novo país, pode ele próprio sentir-se revoltado com a ideia deste mais recente recém-chegado ou intruso, aquele que lhe pode tirar o lugar, porque este Outro ameaçador em nada se parece com ele. O migrante não tem face, não tem estatuto, não tem proteção nem história. A sua identidade singular terá de ser discutida dentro das regras limitadas da comunidade (Kureishi, 2014, p. 2).

---

division in British society today?”).

7 Traduzido pela autora a partir do relatório: “Our poll finds that only a quarter of Britons believe we can come through the 2015 election campaign secure that we can have good community relations across our multi-faith and multi-ethnic society” (p. 3).

Portanto, sendo certo que desde o fim da II Guerra Mundial até aos nossos dias Londres e toda a Inglaterra têm funcionado como um ímã atraindo várias ondas de imigrantes, a verdade é que essas ondas não constituem fluxos migratórios imutáveis, mas antes são provenientes de espaços diferenciados e refletem momentos históricos muito diversos também. Em *Culture in a Liquid Modern World* (2011), Zygmunt Bauman lembra-nos que a experiência da migração em massa é inerente ao processo de modernidade e modernização desde o seu início e afirma que podemos perceber três fases diferentes na “história da migração moderna” (Bauman, 2011, p. 34). A primeira fase, segundo este autor, coincide com o processo de deslocação de milhões de europeus para “terras vazias”, que eles colonizariam e apropriariam. A segunda fase foi constituída por um processo inverso de migração, que se seguiu ao declínio dos impérios coloniais, e a deslocação de milhões de populações nativas para a Europa, seguindo “o retorno dos colonialistas às suas terras natais” (34). Como é bem conhecido, e como Bauman explica ainda, esta população “estabeleceu-se em cidades onde seriam adaptados ao modelo estratégico e à visão do mundo disponíveis até à data, o modelo da assimilação, criado na fase inicial da construção das nações como uma forma de lidar com as minorias étnicas, linguísticas ou culturais” (34-5). Finalmente, uma terceira fase de migração em massa, que estamos a viver atualmente, “introduz a idade das diásporas”, isto é, como explica Bauman,

um arquipélago infinito de comunidades étnicas, religiosas e linguísticas, desconhecedoras das rotas traçadas e percorridas pelo episódio imperial/ colonial e guiadas, antes, pela lógica da redistribuição global dos recursos vivos e das hipóteses de sobrevivência particulares do corrente estágio de globalização (35).

Estas três fases da experiência de migração em massa são muito visíveis na sociedade inglesa moderna, mas é sobre as duas últimas que tentarei aqui falar um pouco mais, ainda que de modo muito breve, invocando, então, os exemplos de alguns romances ingleses da segunda metade do século XX e do princípio do século XXI, que se centram sobre a questão da imigração.

Se olharmos para os romances que constituem o *corpus* do que veio a ser conhecido como literatura de imigração ou *Black British writing*<sup>[8]</sup>, constata-

---

8 O termo “black”, conforme foi explicado por, entre outros, Kobena Mercer, adquire um significado eminentemente político e não estritamente biológico. Falando do aparecimento de uma consciência da cultura negra nos anos sessenta, Kobena Mercer refere: “Quando diversas pessoas – de ori-

remos que esses romances estão maioritariamente inscritos na história do Império colonial inglês, transmitindo uma experiência de imigração que está de alguma forma ligada à segunda fase de migração em massa referida por Zygmunt Bauman. Trata-se do momento em que, com a Lei da Nacionalidade Britânica de 1948 – que concede cidadania britânica aos originários de países da Commonwealth – milhares de imigrantes começam a chegar ao país (“the mother country”), num movimento populacional contrário àquele que foi feito com os processos de colonização. Como é dito num famoso poema de Louise Bennett, com o título “Colonisation in Reverse” (1966): “What a joyful news Miss Mattie; Ah feel like me heart gwine burs –/ Jamaica people colonizin/ Englan in reverse” (*apud.* Procter, 2000, p. 16).

Num primeiro momento, romances como *The Lonely Londoners* (1956), de Samuel Selvon ou *The Emigrants* (1954), de George Lamming, para citar apenas dois de entre muitos, descrevem a vida e o sentimento de exílio dos emigrantes caribenhos em Londres. Mas podemos também falar dos romances de escritores mais conhecidos, como Salman Rushdie e de V. S. Naipaul ou de Buchi Emetá e Caryl Philips. Posteriormente, os sucessos editoriais de escritores como Hanif Kureishi, Zadie Smith, ou Monica Ali vieram demonstrar que, como refere Bart Moore-Gilbert, “pelos finais dos anos oitenta ‘o Grande Romance de Imigração’ era um dos Santos Graal da indústria” (Moore-Gilbert, 2001, p. 108). A fortuna comercial do “romance de imigração” ou do “romance pós-colonial”, como lhe queiram chamar, está bem demonstrada na sua proliferação editorial, no número de prémios nacionais que geram, na quantidade de adaptações televisivas e cinematográficas de que são alvo. Essa questão já foi abordada por outros críticos<sup>[9]</sup> e é visível quer em livros e compêndios críticos sobre o romance britânico contemporâneo, quer na existência de uma considerável quantidade de livros académicos (para não falar de artigos) dedicados a este assunto.

Um bom exemplo de um dos primeiros romances de imigração será *The Lonely Londoners* (1956), do escritor caribenho, nascido na ilha de Trinidad,

---

gem asiática, africana ou caribenha – se interpelaram a si próprias e umas às outras como /negras/ invocaram uma identidade coletiva predicada em similaridades políticas e não biológicas” (Mercer, 1994, p. 291). Também James Procter refere esta noção política do significado de “black” na introdução à sua antologia *Writing Black Britain* (2000, p. 5).

9 Veja-se a este respeito o artigo de James F. English (2006, pp. 1-15), onde se faz uma descrição dos vários prémios literários atribuídos nos últimos anos a romances de língua inglesa escritos por autores internacionais, não britânicos ou de etnias diversificadas (cf. English, 2006, pp. 4-6). Também aí se refere o crescente interesse por este género de romance.

Sam Selvon. Este romance introduz-nos a experiência do imigrante daquela que é conhecida pela geração *Windrush* na cidade de Londres numa altura em que a imigração e as primeiras tensões por ela causadas se começa a fazer sentir, como fica evidente logo no início do romance:

And this sort of thing was happening at a time when the English people starting to make rab about how too much West Indians coming to the country: this was a time, when any corner you turn, is ten to one you bound to bounce up a spade. In fact, the boys all over London, it ain't have a place where you wouldn't find them, and big discussion going on in Parliament about the situation, though the old Brit'n too diplomatic to clamp down the boys or to do anything drastic like stop them from coming to the Mother Country (Selvon, 2006: 2)<sup>[10]</sup>.

Nesta narrativa de “exílio” somos conduzidos pela personagem principal, Moses Aloetta, através dos interstícios de uma metrópole razoavelmente escondida dos olhares de outros londrinos que não os imigrantes. A experiência de exílio partilhada por estes londrinos solitários é-nos relatada através de uma linguagem que reproduz o idioma das ilhas caribenhas de onde são provenientes. Que a imigração para a Inglaterra, tal como ela nos é relatada nestes primeiros romances de imigração, está particularmente ligada ao Império, fica claro neste excerto do romance, onde a Inglaterra surge como “the Mother Country”. E embora os rapazes (“the boys”) saibam que a vida naquele país do nevoeiro possa ser um verdadeiro inferno – “This is a lonely miserable city” (Selvon, 2006, p. 126), diz Moses –, a sua atração é muito grande e vão adiando o momento de regresso às Caraíbas, como é referido num outro momento do romance:

Oh what it is and where it is and why it is, no one knows, but to have said: ‘I walked on Waterloo Bridge,’ ‘I rendezvoused at Charing Cross,’ ‘Piccadilly Circus is my play-

---

10 Neste caso, optou-se por manter o texto no original, devido à especificidade das marcas da língua inglesa falada nas Caraíbas que estão contidas no texto. Uma tradução possível seria: “E este tipo de coisa acontecia numa altura em que os ingleses começavam a fazer um chinfrim por causa da quantidade de Caribenhos que chegavam ao país: era uma altura em que em qualquer esquina que virasses, era dez contra um em como ias embater num escarumba. Na verdade, os rapazes estavam espalhados por Londres, não havia lugar onde não se encontrassem, e grande discussão no Parlamento sobre a situação, embora a velha Grã-Bretanha fosse demasiado diplomática para reprimir os rapazes ou fazer alguma coisa drástica como impedi-los de vir para a Metrópole”.



ground,' to say these things, to have lived these things, to have lived in the great city of London, centre of the world (Selvon, 2006, pp. 133-4)<sup>[11]</sup>.

Há nestes primeiros romances o relato de uma experiência sofrida num país que, sendo chamado de “Mãe” – “the Mother Country” –, era uma Mãe muito pouco acolhedora, uma terra estranha, que continuamente relembrava estes estranhos da sua outridade<sup>[12]</sup>.

Numa segunda fase, o romance de imigração torna-se menos centrado na experiência de exílio do imigrante no seio da grande cidade, sede do Império e centro do mundo, passando a focalizar-se mais na experiência dos filhos de imigrantes, a qual é necessariamente uma diferente experiência de exílio e alienação. Romances como *Dentes Brancos* [*White Teeth*, 2000] de Zadie Smith ou *O buda dos subúrbios* [*The Buddha of Suburbia*, 1990] de Hanif Kureishi são bons exemplos de um tipo de narrativa que se debruça sobre o modo como a imigração alterou a fisionomia da sociedade inglesa, que deixou de se poder pensar a si própria como exclusivamente branca e cristã, mas que obstinadamente tentou perpetuar até à exaustão esse modo de se conceber enquanto sociedade. Em *After Empire: Melancholia or Convivial Culture?*, Paul Gilroy chama a atenção para o facto de por toda a Europa prevalecer a comunicação de uma integridade europeia construída sobre a ideia de uma integridade étnica. Refere este autor que

(...) é necessário (...) afirmar que a sinonímia peculiar de “Europeu” e “branco” não pode continuar. E porém, contra a abundante e detalhada evidência histórica e cultural de toda a Europa, a identidade, a pertença e, conseqüentemente, a integridade dos estados nacionais em risco estão a ser comunicados através da linguagem e dos símbolos da etnia absoluta e da diferença racial (Gilroy, 2004, p. 155).

É verdade que no inquérito promovido pela organização *British Future* (que foi já aqui referido) prevalece a ideia de que uma maioria dos ingleses

---

11 “Oh o que é e onde é e porque é, ninguém sabe, mas ter dito: ‘Caminhei na Ponte de Waterloo’, ‘Namorei em Charing Cross’, ‘Piccadilly Circus é o meu recreio’, dizer estas coisas, ter vivido estas coisas, ter vivido na grande cidade de Londres, dentro do mundo.”

12 Numa passagem de *Small Island*, de Andrea Levy, uma das personagens, Jamaicano, membro da Força Aérea britânica (RAF), chegado a Inglaterra para combater pelo seu país natal, apercebe-se com perplexidade que, afinal, o seu país, aquele por quem está a dar a vida, não sabe quem ele é. Ninguém na Inglaterra sabe quem eles são, nem onde é a Jamaica ou as Caraíbas – “(...) deixem-me fazer ao País Natal só esta simples pergunta: como é possível a Inglaterra não me conhecer?” (Levy, 2004, p. 117).

hoje já não considera a questão étnica ou religiosa como um fator preponderante naquilo que constitui a identidade britânica – a pergunta “Qual dos seguintes considera ser mais importante para ser britânico” não encontra um grande número de respondentes a afirmarem os elementos “branco” e “cristão” como fatores predominantes. Contudo, durante muitos anos esse foi um foco de tensão social muito grande, de que os romances acima referidos nos dão conta.

Sendo um romance fortemente autobiográfico, como o próprio autor afirma<sup>[13]</sup>, *The Buddha of Suburbia* retrata a questão da identidade inglesa e o modo como os filhos dos imigrantes se veem excluídos dela. O romance começa com a asserção de uma inglesidade ambígua por parte do narrador de primeira pessoa, o adolescente Karim Amir, que começa por se apresentar do seguinte modo: “Chamo-me Karim Amir e sou um inglês, nado e criado, ou quase”. E logo de seguida nos adianta: “É frequente considerarem-me uma espécie esquisita de inglês, uma nova raça, por assim dizer, tendo surgido a partir de duas longas histórias. Mas não me importo, sou inglês (embora não me orgulhe disso), dos subúrbios do sul de Londres, em trânsito para algum lugar” (Kureishi, 1990, p. 3)<sup>[14]</sup>. O romance retrata o tipo de discriminação racial de que o próprio autor, de origem paquistanesa, foi alvo durante a sua adolescência e juventude. Num ensaio anterior ao romance – “The Rainbow Sign” (1986) – Hanif Kureishi afirma que, apesar de nessa altura o Reino Unido se estar a tornar uma sociedade mais inclusiva, ainda era muito racista. Também refere nesse artigo, escrito já depois do sucesso do filme *My Beautiful Laundrette* (cujo argumento é da sua autoria), que uma vez que a sociedade inglesa não iria deixar de ser multiétnica e multicultural, competia aos cidadãos brancos perceberem isso e perceberem que esse era um aspeto que teriam que introduzir na sua própria conceção do que era ser britânico. Nas suas palavras:

São os britânicos, os britânicos brancos que têm de aprender que ser britânico já não é o que era. Agora é algo mais complexo, envolvendo novos elementos. Por isso, deve

13 Nas palavras do autor: “The Buddha of Suburbia was written close to myself (...). I knew the preparation – living – had already been done. But in writing so directly from the self there are more opportunities for shame and embarrassment. (...)” (Kureishi, 2011b, p. 291).

14 No inglês: “My name is Karim Amir, and I am an Englishman born and bred, almost. I am often considered to be a funny kind of Englishman, a new breed as it were, having emerged from two old histories. But I don’t care – Englishman I am (though not proud of it), from the South London suburbs and going somewhere.”

haver uma nova maneira de ver a Grã-Bretanha e as escolhas que tem pela frente: e uma nova maneira de ser britânico ao fim de todo este tempo (Kureishi, 2011a, p. 34).

É mais ou menos indubitável que, ao longo dos anos oitenta e noventa, a Inglaterra e a Grã-Bretanha em geral se foi habituando a olhar para si própria como uma sociedade multiétnica e multicultural. Também é mais ou menos certo, porém, que, como refere Gilroy, já aqui citado anteriormente, o 11 de setembro em 2001 representou um sério retrocesso nos processos de integração que tinham sido levados a cabo durante os anos anteriores e representou desse ponto de vista um duro despertar do século XXI.

Por outro lado, no presente, novos desafios se têm colocado aos países europeus em matéria de imigração. Tal como acontece em outros países, contudo, esta questão está na Inglaterra hoje cada vez menos diretamente vinculada ao passado imperial. Para além da questão específica com que hoje a Europa está confrontada relativamente à questão dos refugiados de guerra, há um outro tipo de emigração económica que se coloca também. Trata-se de uma imigração que decorre dos processos da globalização, os quais tratam todo o trabalho humano como bem excedentário e ao qual estão associados os problemas decorrentes da necessidade que as pessoas têm de se deslocar em busca de uma forma de sustentação económica que não encontram muitas vezes nos países de que são originárias. Como é referido por Zygmunt Bauman em *Culture in a Liquid Modern World*: “É impossível negar que as ‘forças de Mercado’ que se movimentam livremente contribuem enormemente para o aumento da mobilidade dos imigrantes “económicos” (2011, p. 39). E, por isso: “Depois da destruição do comércio tradicional local, as pessoas que se veem privadas de rendimento ou de qualquer esperança de o reaver tornam-se presas fáceis de organizações criminais semioficiais que se especializam no comércio humano” (p. 39).

No romance *In the Kitchen* (2009) de Monica Ali há um grande enfoque em processos migratórios que derivam do tráfico de pessoas e da imigração ilegal. Aqui o imigrante é visto como fazendo parte da sociedade globalizada, a qual de algum modo subsiste à conta do trabalho precário e do tráfico humano. Deste romance ressalta uma sociedade cosmopolita e transnacional cuja riqueza é eminentemente sintomática da “modernidade líquida” de que nos fala Zygmunt Bauman no livro com o mesmo título (cf. Bauman, 2000). Para este autor, a sociedade globalizada está baseada na dissolução de laços comunitários fortes, que se perderam, e que são substituídos por uma condição

super-fluida, onde os indivíduos se encontram entregues a si próprios, sem qualquer ligação às comunidades onde estão inseridos (cf. Bauman, 2000, pp. 1-15). Esta é a condição com que nos confrontamos no romance supracitado, onde imigrantes trazidos de várias partes do mundo se integram no sintomaticamente chamado Hotel Imperial, cuja cozinha é descrita no romance como um sítio multiétnico, nos seguintes termos: “Todos os cantos da terra estavam ali representados. Hispânicos, asiáticos, africanos, do Báltico, e a maior parte dos lugares pelo meio” (Ali, 2009, p. 99).

No romance, a personagem central, o *Chef* do Hotel Imperial, Gabriel Lightfoot, é confrontada com a realidade do tráfico ilegal de imigrantes quando descobre uma rede de tráfico que opera a partir do hotel onde trabalha. Essa rede subsiste à custa dos imigrantes provenientes, especialmente, de países da Europa de Leste, a quem é retirado o passaporte e que vivem como seres apátridas, sendo explorados como trabalhadores agrícolas ou dos hotéis. Por outro lado, o romance coloca em paralelo esta realidade super-fluida do trabalho precário e ilegal com o desmantelamento da sólida indústria inglesa e a surpreendente dissolução de comunidades industriais, que assim se veem desprovidas quer dos meios financeiros para a sua subsistência, quer da sua identidade enquanto membros da classe trabalhadora. Como é referido a determinada altura do romance pelo pai de Gabriel, que vive numa dessas comunidades e que se revolta contra aquilo que vê como a perda da identidade inglesa. Comentando o teste cultural ao qual são submetidos os imigrantes que entram no país, refere: “‘Nós dantes sabíamos,’ disse Ted, ‘o que significava ser Britânico. Não precisávamos de discuti-lo, porque sabíamos. Dantes sabíamos o que significava ser inglês. Agora é uma palavra suja, é o que é’” (Ali, 2009, p. 187)<sup>[15]</sup>.

Podemos ler este romance como uma crítica aos processos de globalização e aos poderes globais que caracterizam a realidade da sociedade inglesa hoje, dos quais fazem parte as novas diásporas contemporâneas<sup>[16]</sup>. Diferentemente dos outros romances anteriormente aqui discutidos, este traz à superfície realidades migratórias que transcendem a questão colonial e que aparecem vinculadas àquela terceira fase da diáspora decorrente dos processos de glo-

---

15 “‘We used to know,’ said Ted, ‘what it meant to be British. We didn’t have to discuss it, because we knew. We used to know what it meant to be English. It’s a dirty word now, that is’”.

16 Para uma leitura mais alargada deste romance remeto para os seguintes textos: Tournay-Theodotou (2012, pp. 11-25), bem como as minhas análises em Pereira (2011, pp. 55-74; 2016).

balização económica de que nos dão conta autores como Zygmunt Bauman (anteriormente aqui referido).

Tentamos fazer aqui uma breve análise daquilo que nos parecem diferentes formas do romance de imigração inglês, trazendo à discussão três romances emblemáticos que em diferentes fases refletem a realidade da migração na sociedade inglesa na segunda metade do século XX, bem como no início do século XXI. Conforme tentamos demonstrar, se na maior parte dos casos os romances de migração estão fortemente vinculados à questão imperial num país como a Inglaterra, no século XXI começam a surgir romances cujo enfoque é já colocado num outro tipo de movimentos diaspóricos, fruto do corrente processo de globalização. Trata-se de romances, como aquele que aqui brevemente discutimos, que põem a descoberto processos migratórios não necessariamente ligados àquilo que poderíamos chamar a primeira era da globalização, conforme nos é relembrado por Stuart Hall quando refere que “a ascensão do Reino Unido deu-se com, e o seu declínio deu-se com, uma das eras, ou épocas, da globalização: aquela era em que a formação do mercado mundial era dominada pelas economias e as culturas de poderosos estados-nação” (Hall, 1997, p. 20). No caso que aqui trouxemos como exemplo, o romance *In the Kitchen* da escritora Monica Ali, percebe-se que a imigração é já decorrente do cosmopolitismo que é inevitável ao atual momento de globalização.

Por outro lado, a esta inevitabilidade da globalização e do mercado livre, a esta modernidade líquida, como lhe chama Zygmunt Bauman, subjaz uma cada vez maior estigmatização da figura do imigrante como bode expiatório do insucesso económico. Isso é evidente nas sociedades onde a imigração é maior, como é o caso da inglesa. Uma sociedade que é confrontada com esta necessária visão cosmopolita de que nos fala Ulrich Beck, mas que se encontra na eminência (como toda a Europa, aparentemente) de se fechar outra vez numa ficção nacionalista que está irremediavelmente comprometida no panorama contemporâneo do mundo globalizado.

## Referências

- ALI, M. (2009). *In the Kitchen*. London: Doubleday.
- BALL, John C. (2006). *Imagining London: Postcolonial Fiction and the Transnational Metropolis*. Toronto: University of Toronto Press.

- BALLINGER, S., Cryer, J. & Katwala, S. (2015). *The Year of Uncertainty: State of the Nation 2015*. London: British Future. Consultado em 15 de outubro de 2015 em [http://www.britishfuture.org/wp-content/uploads/2015/01/State-of-the-Nation-2015.FINAL\\_.pdf](http://www.britishfuture.org/wp-content/uploads/2015/01/State-of-the-Nation-2015.FINAL_.pdf)
- BAUMAN, Z. (2011). *Culture in a Liquid Modern World*. Cambridge and Malden, MA: Polity.
- BAUMAN, Z. (2000). *Liquid Modernity*. Cambridge and Malden, MA: Polity.
- BECK, U. (2006). *The Cosmopolitan Vision*. Trans. by Ciaran Cronin. Cambridge: Polity Press.
- GILROY, P. (2004). *After Empire: Melancholia or Convivial Culture?*. Abingdon, Oxfordshire: Routledge.
- HALL, S. (1997). "The Global and the Local: Globalization and Ethnicity". A. D. King (ed.), *Culture, Globalization and the World-System: Contemporary Conditions for the Representation of Identity*. Minneapolis: University of Minnesota Press, pp. 19-40.
- JACK, I. (1999). Introduction to *London: the Lives of the City*. *Granta*, nº 65, Spring, pp. 6-8.
- JOLLEY, R. (Ed.) (2013). *State of the Nation: Where is bittersweet Britain heading?* London: British Future, January. Consultado em 15 de outubro de 2015 em <http://www.britishfuture.org/wp-content/uploads/2013/01/State-of-the-Nation-2013.pdf>
- KUREISHI, H. (2014). "Hanif Kureishi: The Migrant Has No Face, Status or Story." *Guardian*, May 30. Consultado em 15 de outubro de 2015 em <http://www.theguardian.com/books/2014/may/30/hanif-kureishi-migrant-immigration-1>
- (2011a). "The Rainbow Sign", in *Collected Essays*. London: Faber & Faber, pp. 3-34.
- (2011b). "Something Given: Reflections on Writing", in *Collected Essays*. London: Faber & Faber, pp. 273-93.
- (2008). *Something to Tell You*. London: Faber & Faber.
- (1990). *The Buddha of Suburbia*. London: Faber & Faber.
- LEVY, A. (2004). *Small Island*. New York: Picador.
- MCLEOD, J. (2004). *Postcolonial London: Rewriting the Metropolis*. London and New York: Routledge.
- MERCER, K. (1994). *Welcome to the Jungle: New Positions in Black Cultural Studies*. New York and London: Routledge.
- MOORE-GILBERT, B. (2001). *Hanif Kureishi*. Contemporary World Writers. Manchester and New York: Manchester University Press.
- PEREIRA, M. E. (2011). "In the Kitchen: Cartografias transnacionais e transculturais da sociedade inglesa contemporânea nos romances de Monica Ali". In A. A. Lourenço & O. M. Silvestre (Coords.), *Literatura, Espaço, Cartografias*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa, pp. 55-74.
- PEREIRA, M. E. (2016). "Transnational identities in the fiction of Monica Ali: In the Kitchen and Alentejo Blue". *Journal of Postcolonial Writing*, Vol. 52, Issue 1. pp. 77-88.
- PERFECT, M. (2014). *Contemporary Fictions of Multiculturalism: Diversity and the Millennial London Novel*. London: Palgrave/ MacMillan.
- PHILLIPS, M. & Phillips, T. (1998). *Windrush: The Irresistible Rise of Multi-Racial Britain*. London: HarperCollins Publishers.

- PROCTER, J. (ed.) (2000). *Writing black Britain: An Interdisciplinary Anthology*. Manchester and New York: Manchester University Press.
- SELVON, S. (2006). *The Lonely Londoners*. With an introduction by Susheila Nasta. Penguin Classics. London: Penguin.
- TOURNAY-THEODOTOU, P. (2012). "Fortress Britain: Hospitality and the Crisis of (National) Identity in Monica Ali's *In the Kitchen*." In G. Ganapathy-Dorée & H. Ramsey-Kurz (Eds), *On the Move: The Journey of Refugees in New Literatures in English* (11–25). Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars.
- WILLIAM, B. T. (1999). "A State of Perpetual Wandering': Diaspora and Black British Writers". In *Jouvert* (Journal of Postcolonial Studies), vol. 3, Issue 3. Consultado em 26 de fevereiro de 2016 em <http://english.chass.ncsu.edu/jouvert/v3i3/willia.htm>
- YOUNG, R. J. C. (1995). *Colonial Desire: Hybridity in Theory, Culture and Race*. London: Routledge.